

## Considerações finais

Ubiratã Souza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOUZA, U. Considerações finais. In: *Entre palavras e armas: literatura e guerra civil em Moçambique* [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2017, pp. 191-194. ISBN: 978-85-68576-92-2. <https://doi.org/10.7476/9788568576922.0006>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## Considerações finais

Percorremos um longo caminho para conseguir articular a literatura, substanciada nos romances *Neighbours* e *Os sobreviventes da noite*, e a história, substanciada na guerra civil moçambicana. As hipóteses de leitura que pudemos deduzir da comparação entre os romances e interpretação da análise à luz da história podem parecer simples: na leitura em detalhe da constituição dos romances *Neighbours* e *Os sobreviventes da noite*, pudemos perceber que existia, comparativamente, certa estruturação em descompasso entre diversas camadas de passados que se sobrepunham, num embate insolúvel, a uma ação presente que, por sua vez, se enfraquecia e se tornava cada vez mais letárgica na medida em que as camadas de passado ganhavam a vez na economia da obra. Essa possibilidade de leitura, para fins analíticos, foi aqui chamada de *presente dependente*, mas talvez pudesse ter sido chamada de *passados hipertrofiados*, variando conforme a ênfase a se propor. Nossa confessa ênfase sobre o presente pretendeu discutir justamente como é que esse descompasso, esse embate narrativo, poderia ser interpretado à luz dos acontecimentos da história recente de Moçambique, uma sociedade dilacerada por uma guerra cruelíssima causada por dinâmicas de poder (de um lado ou de outro) que estavam, justamente, muito pouco interessadas em atribuir valor às inúmeras formas que a cultura individual ou comunitária assume no seu cotidiano. Desse modo, contrariamente às dinâmicas do poder a que o presente imediato se impõe, e o passado de cada pessoa,

brutalmente obnubilado à força da categoria “população” ou “povo” – a massa humana informe passível de manobras –, os inúmeros passados se aglomeravam, muitas vezes de forma caótica e confusa, gritando um apelo à diversidade de histórias, à pluralidade de passados e à autonomia dos múltiplos universos que compõem uma sociedade crivada de múltiplas culturas.

Interpretar os resultados obtidos na análise literária das obras à luz da história das fraturas sociais que envolveram a construção nacional de Moçambique independente e dos conflitos internacionais e nacionais relacionados com as motivações econômicas que causaram a guerra permitiu conectar esses dados com a hipótese de leitura dos romances, de modo que as duas ordens se iluminam mutuamente. Não será demais, portanto, perceber como, a partir dessa interpretação histórica da análise literária, o campo estético da literatura se manifesta como um âmbito de tensões que, em última instância, são também tensões sociais e de poder, que estão motivados pelas causas materiais de produção. E se pensarmos que a independência política de Moçambique levou ao poder um grupo de pessoas que constituíram, com o avançar do tempo, a elite dos “burocratas” ou dos “estruturas” que manifestavam, sob as bênçãos dos aparatos do Estado, sua própria lógica sobre as interpretações da guerra, justamente a lógica do poder cada vez mais distante dos anseios das populações que nossas obras parecem desafiar, não será demais perceber como os nossos textos articulam tensões contra-hegemônicas através das estruturas estéticas?

Doutro modo, não seria possível deduzir as conclusões que ora se apresentam sem as reflexões que considerassem as articulações especificamente estéticas que os romances exibem, nem tampouco se não se considerasse o imenso apoio que as demais ciências humanas invocadas na interpretação oferecem para a compreensão de como a história compõe condicionamentos sociais que, se por um lado, criam condições positivas para o florescimento da forma estética, por

outro limitam-na negativamente, exprimindo fronteiras e características muito específicas. Analisar as cisões estéticas que correspondem às cisões sociais faz lembrar o que teria prognosticado um excêntrico teórico marxista da literatura, Pierre Macherey, num texto seu de 1976, intitulado *Sobre a literatura como forma ideológica: algumas hipóteses marxistas*, em coautoria com Étienne Balibar, em que afirma que entende a literatura como uma prática restrita aos limites de uma língua específica, e, portanto, de uma ideologia, que define, como sistemas de ideias e discursos que “se realizam no funcionamento e na história de práticas determinadas, sob relações sociais determinadas” (MACHEREY; BALIBAR, 1976, p. 29). Logo, se a obra literária é um ato social ideológico determinado pelas conjunturas materiais de um contexto histórico específico – o que também imprime as limitações e contradições desse contexto na estrutura da obra –, a tarefa de uma crítica materialista não deveria ser a busca de um sentido oculto que a obra resiste a revelar, mas, antes, poderia ser um estudo que busque a ênfase sobre suas lacunas, sobre seu caráter impossivelmente “fechado” e coeso. Conforme dizem (*Ibid.*, p. 36):

No início de uma análise materialista levanta-se a proposição seguinte: as produções literárias não se devem estudar do ponto de vista da sua *unidade* aparente e ilusória, mas do ponto de vista da sua *diversidade* material. Aquilo que é necessário procurar nos textos não são os signos da sua coesão, mas os índices das contradições materiais (historicamente determinadas) que os produzem e que neles se encontram sob a forma de conflitos desigualmente resolvidos.

Não procedemos a uma leitura propriamente “ideológica” das obras que analisamos. Mas a sugestão oferecida por Macherey e Balibar é tentadora, se atentarmos para o fato de que sugerem a existência de “conflitos desigualmente resolvidos” que apresentam homologias formais no interior da obra. Na nossa análise, pudemos perceber o quanto aquelas obras se relacionam com uma visão que desloca o foco

de análise dos centros de poder para a população moçambicana, que, todos feitos vítimas de uma guerra que nem conseguiam compreender, estava à margem das decisões do poder. Isso nos faz pensar justamente que, todavia tenham acontecido diversas movimentações políticas e sociais em Moçambique (movimentos nacionalistas, guerrilha, independência, governo socialista, guerra civil, abertura econômica, multipartidarismo democrático), nenhuma proposta se manteve coerente no propósito de melhoria real da vida das pessoas, enfatizando a emancipação e a autonomia real dos indivíduos e das culturas a que pertencem. Se pensarmos na dimensão crítica que emana da configuração estética desses romances, se pensarmos na forma fraturada que articula a guerra no interior da organização estética, e se pensarmos ainda no fato de que esta guerra está novamente às voltas em Moçambique, há que se perguntar: o teor crítico daqueles romances ainda significa, no atual presente do país? Como estará a ser desenhada a história de Moçambique atualmente, e qual a função da história de cada indivíduo para a composição dessa história nacional?